

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

SUMMARIO DO N.º 3

O reconhecimento de um Prelado, pela redacção. = Carta á redacção, e manifesto de gratidão, do Ex.º e Rvm.º Sr. Bispo d'Angra. = Foi necessario meio seculo! por Elias de Sampaio. = Secção Religiosa: *O Milagre de Dohena*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; Secção Scientifica: *Sciencia para todos*, por Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa. = Secção Critica: *O Journalismos liberal*, de «La Semana Catholica»; *Atravez o journalismo de 10 réis*, por outro leitor de gazetas. = Secção illustrada: I Padre D. Manoel Caetano de Sousa; II, *Convento de Santa Clara em Coimbra*, por R. = Secção litteraria: *A uma Senhora*, soneto, por E. E. P. = Gracia, ou a christã do Japão, versão do padre Lima. = Secção necrologica. = Retrospecto da quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE NOVEMBRO DE 1885

O reconhecimento d'um Prelado!

COMO dissemos no passado n.º fomos honrados com uma carta de S. Exc.ª R.ª o Sr. D. João Maria, Bispo de Angra, na qual nos ordena S. Exc.ª Rev.ªª façamos publico o seu reconhecimento para com todas as pessoas que protestaram contra as demasias do infame pasquim que em Angra se publica sob o titulo de *O Athleta*.

E' com o maior prazer que cumprimos as determinações do illustrado e virtuoso Prelado, e cumprindo-as, não sabemos que mais agradecer: se a honra immerecida de sermos o ecco da voz de S. Exc.ª Rv.ªª, se a graça de sermos os primeiros em receber a Benção de tão venerando membro do episcopado portuguez.

Ambas as graças recebemos jubilosos e agradecidos, e curvados beijamos respeitosos o sagrado anel de Sua Ex.ª Rv.ªª, enviando nossos leitores para a seguinte carta, com que fomos honrados, e para o *manifesto de gratidão* com que são honrados todos aquelles, que, como nós, se curvam diante da pessoa respeitabilissima do illustre Bispo d'Angra.

A REDACÇÃO.

«.....Snrs.

Rogo a V. queiram publicar no seu excellento periodico o incluso

Manifesto, para que a minha profunda gratidão chegue ao conhecimento de todas as pessoas que têm tomado parte nos meus desgostos, e de qualquer modo concorreram para os minorar.

Pelo que ficará também mais reconhecido quem é



P.º D. MANOEL CAETANO DE SOUSA

Srs. Redactores do
jornal o *Progresso* De V.
Catholico

servo fiel e grato

Angra, 20 d'outubro
de 1885.

João Maria, Bispo d'Angra.

MANIFESTO DE GRATIDÃO

D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra do Heroismo e Ilhas dos Acores, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem do Christo, etc.

A todas as pessoas a quem este se refere—cordaes agradecimentos

*Secundum multitudinem dolorum meorum
in corde meo, consolationes tuae letificaverunt animam meam.*

As vossas consolações encheram a minha alma de alegria, e porperção das muitas dores que affligiam o meu coração.

Ps. XCIII. 19.

«Bemdito seja o Senhor que ouviu a minha oração, e não retirou de mim a sua misericordia (1)» cumprindo exactamente a sua promessa, que pelo Santo Propheta Rei tinha feito, dizendo: «O que a mim clamar eu o ouvirei, a seu lado estarei na occasião da tribulação: Eu d'ella o livrarei, e o glorificarei.» (2)

Eis o que acaba de ter lugar com a nossa humilde pessoa: Grandes contradicções e desgostos nos tinham assaltado; no meio d'elles pedimos ao Senhor que «nos julgasse e esclarecesse a nossa causa» (3), e o Senhor nos ouviu do Céu, porque é o nosso protector e a nossa gloria (4). Bemdito seja Elle! *Benedictus Deus!*

Com effeito, tendo Nós, como Bispo catholico, subordinado ao Supremo Chefe da Igreja, da do cumprimento a suas terminantes ordens, em materia relativa á moral publica, em que elle é o compe-

(1) Ps. LV, 19.

(2) Ps. XC, 15.

(3) Past. de 6 de Abril do corrente anno.

(4) Ps. III, 3 e 4.

tente e unico juiz: sendo o fim d'essas ordens o bem geral da sociedade, e em harmonia com as Leis do Reino: só porque em a nossa Carta pastoral de 26 de Setembro do anno proximo passado nos referimos a um documento pontificio, fomos notado e estranhado!

Foi-nos isso mui sensivel; não por nós, que tínhamos a consciencia de ter cumprido o nosso dever, e por tanto de não merecermos por isso censura; tendo além d'isto presente a sentença do nosso adoravel Salvador: « Bemaventurados aquelles que padecem perseguição por causa da justiça (1); mas por virmos d'este modo no conhecimento do estado em que se acha a Igreja catholica n'este nosso Paiz, no qual se julga não ser licito a um Bispo fazer citação ou referir-se a um documento pontificio; quando ninguém é incommodado por propagar as maiores impiedades e as doutrinas mais deletérias e anti-sociaes, citando-as e transcrevendo-as impunemente de qualquer auctor!

Isto é na verdade triste, e para ser chorado com lagrimas de sangue; mas quiz o Senhor que um grande numero de fieis se levantasse, approvando o nosso procedimento e dos outros illustres Prelados, cujo exemplo seguimos, offerecendo generosos donativos, para honrarem nosso peito com um precioso monumento, que attestará os religiosos sentimentos dos piedosos offerentes que applaudiram o nosso procedimento.

Benedictus Deus!

Mais é de agradecer esta honrosa demonstração, por quanto Nós não tínhamos feito mais do que cumprir o nosso dever, e por isso não merecíamos premio. A prenda pois que nos fôr offerecida será testemunho, não de merecimento nosso, mas da piedade dos fieis que nol-a offerecem; e por isso de maior estima será para Nós; e mais a agradeceremos do fundo do coração.

Ultimamente fomos insultado por um periodico d'esta cidade de modo tão injurioso e atroz que não ha na historia exemplo semelhante. Em vista de tão grande attentado, clamamos primeiramente ao Senhor para que julgasse a nossa causa, e nos livrasse de nossos inimigos, e depois convidamos o Rd.º Clero e Fieis d'esta nossa Diocese, a que se reunissem em volta da nossa pessoa para darem testemunho da nossa innocencia. E, cousa admiravel! O Rv.º Clero se acreeu

de Nós na sua totalidade com expressões de tanto affecto e interesse, como de indignação e magoa pelas injurias que a nossa santa religião, a Nós e ao mesmo Clero em geral tinham sido irrogadas.

Ao Rv.º Clero se seguiu um grande numero de pessoas notaveis da Diocese, tomando parte pessoalmente ou por escripto particular em os nossos desgostos e estigmatizando o procedimento de nossos inimigos; e os fieis em geral seguiram seu exemplo, apresentando-se-nos em massa os povos das freguezias mais proximas d'esta cidade, a protestar-Nos o seu amor, por escripto algumas mais distantes, em compensação do odio dos nossos inimigos.

Já isto era muito. Mais admiravel porem é—que a Imprensa religiosa do Continente, logo que teve conhecimento dos insultos que nos tinham sido feitos, bradou com tal vehemencia de indignação, que atrahiu milhares de fieis a collocarem-se obsequiosamente a nosso lado, protestando energicamente contra os insultos que nos tinham sido feitos, e proclamando qualidades que a sua benevolencia em nós devisa, e que infelizmente não temos.

Na verdade é cousa admiravel, e de que não conhecemos outro exemplo. Que o R.º clero e fieis d'esta nossa Diocese se collocasse a nosso lado em tal conjunctura era proprio de fieis cooperadores e de bons filhos espirituaes e Nós o esperavamos, e por isso os convidamos a assistirem-nos; que milhares porém de pessoas espalhadas por todo o Reino, que não conhecemos, que nunca nos viram, nem tem conosco relações algumas, se viessem collocar espontaneamente a nosso lado, para Nos defenderem de nossos inimigos, é cousa admiravel, que não podemos deixar de attribuir á bondade do Senhor, que pela voz do povo, que é a voz de Deus, se dignou decidir a nossa causa. *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris (1)*

Primeiro pois que tudo—graças a Deus nosso Senhor, cheio de bondade e de misericórdia, principalmente para com a nossa indigna pessoa; e depois cordaes agradecimentos ao Rv.º Clero, á Imprensa religiosa, e ás pessoas de ambos os sexos e de todas as cathogorias que se dignaram tomar parte n'esta cruzada incruenta em nosso favor e

contra os inimigos da Igreja catholica e do Clero.

O Senhor ha de recompensar largamente estes serviços, porque em sua honra são feitos; e Nós lh'o pedimos em nossas humildes orações. Finalmente como penhor da nossa gratidão e affecto, a todos abençoamos em nome do mesmo Senhor:

Benedictio Dei omnipotentis, Patris et Filii et Spiritus Sancti veniat super vos et maneat semper. Amen.

Dada em esta nossa Quinta do Immaculado Coração de Maria aos 18 de Setembro de 1885.

Logar X do Sello.

João Maria, Bispo d'Angra.

O Presbytero, Manuel Maria da Costa,
Secretario de S. Exc.ª Rv.º

Foi necessario meio seculo!

JULGADAS desnecessarias, no juizo dos *reformadores* de Portugal, as ordens religiosas, alçou-se desapiadadamente o camartelo da destruição, e n'um momento, lançou-se por terra o mais forte alicerce das nossas possessões de além-mar.

Desappareceu o convento, foi decretado eriminoso quem ousasse atravessar as ruas das nossas cidades envolto no habito monachal, e os bens das ordens monasticas foram declarados bens nacionaes. E o ranger d'essas portas que se fechavam, foi como o ranger da guilhotina, estrangulando a Patria; porque a grandeza e prosperidade da Patria eram as colonias, estas não se podem sustentar sem o elemento religioso, para fomentar esta faltava o fogo sagrado da fé, e o nosso dominio ultramarino principia a decair.

Não viesse alguém fallar em frades e nem venha ainda hoje, que a *liberdade* treme em seu tosco pedestal, e os *Carvalhos* e os *Vasques*, frageis e carcomidas columnas, que a sustentam, bradam ás armas de entre as ameias dos castellos revolucionarios.

Mas as colonias perdem-se; a nacionalidade portugueza vae caminhando para o seu occaso, porque lhe vae faltando o que a tornára grande, temida, e respeitada: da Africa pedem-se Missionarios, Missionarios que a metropole não consente, nem quer, mas Missionarios que são necessarios para conservar as gloriosas tradições de um povo valente.

Vão-se as colonias, mas não venham os frades, dizem os homens da governação; mas os portuguezes pedem Mis-

(1) M. th. V, 10.

(1) Ps. CXVII, 23.

sionarios, como fez ha pouco o «Comercio de Portugal», publicando o seguinte artigo:

«Cada vez se torna mais urgente a necessidade de reforçar a ampliar as nossas missões ultramarinas. A propaganda religiosa toma crescentes proporções, em Africa especialmente, e é preciso que pela nossa parte, se não deixe alli estabelecer preponderancias e influencias que nos seriam muito prejudiciaes, senão já, pelo menos mais tarde. Nós não temos nas nossas colonias nem a terça parte dos missionarios que alli são precisos, nem o Collegio das Missões está habilitado a poder fornecer, de prompto e nas devidas condições, quantos possam satisfazer ás necessidades creadas.

Sabemos que por parte do snr. dr. Boavida, esclarecido, zeloso e patriótico superior do Collegio das Missões ha o maior desejo em corresponder ao que d'aquelle instituto exigem os compromissos que a nação portugueza tem assumido nos ultimos tempos como potencia colonial, que s. exc.ª deseja mesmo que no edificio de Sernache do Bom Jardim sejam feitas obras indispensaveis para receber 200 alumnos, mas infelizmente parece que não será possível começar sob novos auspicios o anno lectivo futuro.

Está-se descurando, demasiadamente talvez, do serviço das missões ultramarinas e a reforma que o snr. ministro da marinha ultimamente realiso com relação ao Collegio das Missões não parece tallada de molde a produzir os resultados que seriam para desejar. É preciso, antes de tudo, attrahir ao serviço das missões ultramarinas individuos prestimosos e uteis e n'um numero que satisfaça a todas as exigencias da nossa propaganda religiosa e politica no ultramar. É essa a questão palpitante, a primeira de todas.

Parece que o illustre superior do Collegio das Missões, convencido de que não será possível, dentro da esphera de acção que é legalmente attribuida a este estabelecimento do estado, apromptar missionarios que satisfaçam ás exigencias do serviço nas nossas possessões ultramarinas, se inclina muito á ideia de se abrir um concurso extraordinario em todas as dioceses do reino e na dos Açores, fazendo appello á abnegação e aos sentimentos christãos do clero novo para que vá servir nas nossas missões do ultramar.

Esta ideia do concurso já a indigitamos aqui e desejaríamos bem que ella fosse iniciada officialmente, porque nos parece que daria resultado. Porque é que o snr. ministro da marinha não faz um appello ao clero portuguez, offerecendo certo numero de vantagens, aos presbyteros que quiraem ir servir em

Africa? Quantos missionarios precisamos? Trezentos. Quantos temos? Setenta e tantos. Quantos pôde dar este anno o Collegio das Missões? D.º ou doze. Faça-se um appello a 100 sacerdotes, garantam lhes um futuro e elles não se recusarão a missão lão digna de applauso e de admiração.

E no entanto amplie-se o Instituto dos Missionarios. Temos abi um edificio magestoso e vasto, o convento de Mafra, que mais de uma vez tem sido ameaçado de uma barbara transformação em quartel. Nenhum edificio se pôde prestar melhor á installação de um instituto geral das missões portuguezas com duzentos alumnos, pelo menos. Porque é que se não faz isto? Pela falta de capitaes? Porque é que se não obrigam *total* as provincias ultramarinas a subsidial-o? Que dificuldade ha n'isto? Que difficuldades, que receios ou que hesitações?

Manter as coisas no estado em que estão é comprometter seriamente a nossa acção como potencia colonial, porque é deixar os missionarios estrangeiros crear prepondencia nos territorios onde o nosso dominio se exerce, é collocar nas mãos dos estrangeiros a instrucção e a educação dos indigenas, que se declaram e são vassallos do rei de Portugal e que aprendem portuguez por livros ministrados por estrangeiros, como está acontecendo em Angola, onde os methodistas americanos abrem escholâs de portuguez. Evite se esta vergonha e conjure-se este perigo.»

Foi preciso passar meio seculo, cincoenta annos, para se reconhecer a necessidade de mandar Missionarios para Africa; e mesmo assim, depois de tanto tempo não se conhece ainda o meio de arranjar Missionarios que vão em Africa, sustentar a bandeira portugueza, junto da Cruz!

Que myopia a d'estes nossos homems!

Apontam tantos remedios, citam tantos alvitres, e não se lembram do principal, do unico remedio que ha-de salvar Portugal!

Não se lembram dos frades, d'esses obreiros da civilisação e do progresso, d'esse exercito aguerrido da Cruz, unico que pôde fornecer soldados para as grandes campanhas da civilisação africana, unicos que podem suster na sua queda o imperio gigante que principiara a fundar, á sombra da Cruz, o catholico monarcha D. João I.

Queremos missionarios! E este desejo é já um triumpho para os catholicos; mas não sabem onde se podem formar esses Missionarios; não sabem que é no claustro, á sombra d'esses muros santos, que se prepararam esses homems, que eram Missionarios da palavra di-

vina, e propagandistas do dominio portuguez.

Querem Missionarios e não querem frades! Onde ir procurar, pois, padres que vão para a Africa, se vós nem os padres tendes para isso educados! Como encontrar padres que vão missionar em terras do ultramar, se não ha padres bastantes para as necessidades do culto no continente?

Quem ha-de ir para a Africa, para a India portugueza, arrostar com os perigos das Missões, se, na volta, ao saltar na terra da Patria, ao pedir dias de descanso, para as fadigas do apostolo, encontra os insultos dos *illustrados*, os apupos dirigidos á sotaina que se rasgou sob os rigores das tempestades, que amarelleceu aos raios ardentissimos do sol africano, que perdeu a limbria a arrastar-se pelos areaes e pelos mata-gaes inhospitos?

Quem ha-de servir esta Patria ingrata, quem ha-de offerter-lhe a saude e a juventude?

Estabeleçam se de novo as Ordens religiosas, sustentem-se á custa do Estado, ou á custa do que dos frades era, e, dentro de poucos annos, a uma ordem do Superior, desembarcarão em terras d'além-mar milhares de obreiros da verdade, milhares de soldados da Cruz, uma pleiade de voluntarios para combater pela Igreja e pela Patria.

Frades, e mais frades e levantaremos o nosso dominio ultramarino.

Ellys de Sampaio.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Milagre de Bolsena

A cidade do Bolsena, na Toscana, uma das antigas capitaes dos etruscos, é celebre por muitos titulos. As suas ruinas mostram eloquentemente a sua gloria passada. As suas duas mil estatuas, e as luctas corajosas que sustentou contra os filhos da soberba Roma, denunciam o papel importante que representou no mundo antigo.

Mas ella ainda é mais distincta por outro titulo, com que brilha nos annos do christianismo.

O Deus do eterna bondade o sabedoria immortalisou esta cidade revelando por meio d'um estrondoso prodigio a sua presença real na augusta Eucharistia. O catholico não pôde deixar de commemorar com prazer este grande acontecimento, perpetuado do edade em edade, em todas as partes do mundo, por uma festa solemne.

A existencia do angustissime Sa-

cramento da Eucharistia' está consignada nos livros santos; e, certamente, o christão não carece, para lhe dar firme assenso, d'outra revelação nem de prodigios, porque é sufficiente a auctoridade infallivel da Santa Igreja e a palavra divina. Mas Deus, que é rico em misericordia, não deixa muitas vezes de confirmar com milagres a doutrina da Igreja, para exaltação dos catholicos e confusão dos incredulos.

A Igreja sempre prestou o maior culto e veneração ao ineffavel Sacramento da Eucharistia, que é o maior de todos os prodigios da omnipotencia divina e a obra mais espantosa da sua misericordia. Nos primeiros tempos, porém, não tinha instituido uma festa especial em sua honra, porque em quinta feira santa se fazia comemoração da instituição da Eucharistia, sendo o resto do officio dedicado á Paixão do Senhor.

Um acontecimento extraordinario veio dar motivo a se instituir a festividade do *Corpo de Deus*. Foi pelo meo do seculo XIII.

Manfredo, tyrano de Sicilia, havia invadido a cidade de Roma, obrigando a retirar-se o Santo Padre Urbano IV com todo o sacro collegio para a cidade de Orvieto.

Na cidade de Bolsena, visinha de Orvieto, um sacerdote, celebrando o santo sacrificio da missa, deixou cahir, por descuido, algumas gotas do precioso sangue no corporal. A fim de fazer desaparecer os vestigios do accidente, dobra e torna a dobrar o panno sagrado, de modo que estancasse o sangue adoravel.

O corporal é depois desdobrado, e vê-se que o sangue penetrara todas as dobras, e imprimira em todas as partes a figura da Santa Hostia perfeitamente desenhada, côr de sangue.

Assim o referem commumente os historiadores.

Alguns trazem sómente a variante de que o sacerdote, depois de feita a consagração, principiou a duvidar da presença real de Jesus Christo na Sagrada Hostia, e que de repente apparecera o corporal tinto de sangue como para confundir a sua incredulidade.

O que é certo, por testemunho de todos os historiadores com Santo Antonio, é que se deu o milagre do apparecer o corporal tinto de sangue, que ainda hoje existe.

Por ordem do Summo Pontifice Urbano IV, testemunha ocular do grande prodigio, o panno miraculoso é transportado com solemnidade de Bolsena para a cathedral de Orvieto, onde se conserva com profundo respeito. Es-

tá encerrado em um relicario que é uma obra prima da arte.

A cathedral, edificada em memoria do prodigio de Bolsena, repete a todas as gerações este facto memoravel, e é um dos mais esplendidos e antigos monumentos da Italia.

O Papa Bento XIV, cuja auctoridade é maior que toda a excepção, quando era Arcebispo de Bolonha, narra este miraculoso acontecimento em uma pastoral dirigida aos fieis da sua diocese. Elle mesmo testifica ter visto na cathedral de Orvieto o corporal tinto de sangue, e diz que o vira *non sem pia commoção da sua alma: non sine pia animi commotione*

O mesmo Papa Bento XIV, na obra que escreveu *Das festas de Nosso Senhor e da Virgem Maria*, antes de ser elevado á Cadeira de S. Pedro, refere minuciosamente toda a historia do milagre de Bolsena, citando um grande numero de auctores que teem tratado d'este assumpto, e teem posto na maior evidencia o facto miraculoso.

Por todos basta citar-se o grande Arcebispo de Florença, Santo Antonio.

Mas muito judiciosamente accrescenta o sabio Pontifice:

«O mais firme argumento do milagre é o panno sagrado ou corporal, tinto de sangue, que com summa veneração se guarda na cathedral de Orvieto.

«A verdade do mesmo milagre clarissimamente se prova pela sumptuosa igreja fundada em sua memoria, e que na belleza e grandeza pôde rivalisar com as igrejas mais famosas do mundo.»

Com effeito, á vista d'estes monumentos, e tomando por guia a historia, não pôde negar-se o milagre de Bolsena. A grande cathedral de Orvieto foi fundada no anno de 1200, sendo a primeira pedra lançada pelo Papa Nicolau IV.

Foi este famoso milagre um dos poderosos motivos que, em 1262, determinaram o Papa Urbano IV a instituir a festividade do *Corpo de Deus* na quinta feira depois da oitava do Pentecostes.

E' tambem opinião commum que fôra o mesmo Pontifice que instituiu a solemne procissão de triumpho com o Santissimo Sacramento, no mencionado dia, ou, pelo menos, que teve origem do facto miraculoso que succedeu em Bolsena, e a fim de rebater publicamente as blasphemias e heresias dos inimigos do maior de todos os mysterios, do Sacramento mais augusto da nossa religião.

Bolsena ainda hoje mostra na igreja de Santa Catharina, em que teve logar o milagre, o sitio onde correu

o sangue, e que foi coberto d'uma grade.

Ora, que dirão a isto o protestante, o impio, o incredulo? Como se não convencem da verdade da existencia de Jesus Christo na Eucharistia, á vista d'este patente milagre de Bolsena? Como negam a divindade da religião christã e os dogmas que a Igreja propõe á crença dos fieis, auctorizados com prodigios tão visiveis?

Dirão talvez como o celebre Diderot, auctor dos *Pensamentos philosophicos*, que chegou a sustentar que «ainda que visse com seus proprios olhos um morto resuscitado em Paris, daria mais credito á sua rasão do que aos seus olhos».

Mas todos sabem que Diderot foi um louco: impio audaz, propalou os maiores absurdos, increveis paradoxos. Sustentou seriamente que entre elle e o seu cão não havia outra differença senão no vestido!

Que maior absurdo que dizer que daria mais credito á sua rasão do que aos seus olhos, quando dos olhos fizesse um verdadeiro uso?

Só Deus pôde tirar tão grande cegueira!

Que vejam o milagre de Bolsena, deante do qual cahem todos os sophismas e argumentos vãos dos racionalistas.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Sciencia para todos

VI

Caminhos do ferro



ANTES de entrarmos no assumpto proprio d'este capitulo e narrarmos a invenção dos caminhos de ferro e descrevermos o seu machinismo succintamente, vamos tractar de dar uma ideia resumida dos meios de viação antigamente conhecidos.

Os antigos usaram como nós de carruagens; as primeiras que se fizeram eram pezadas e informes, e collocadas sobre duas rodas.

Na Phrygia foi onde primeiro se usaram carruagens de quatro rodas, e os Scytos usavam—as de seis rodas e ainda que este numero pareça grande não nos deve admirar pois que os carros dos Scytos eram carros ambulantes.

Os Romanos possuíam dezesais a dezesete especies de carruagens que tinham denominações differentes.

Os carros que serviam para conduzir os idolos nas festas publicas tinham sómente duas rodas.

O *carpintum* era a carruagem das damas de qualidade e das vestaes, depois foi reservada para os imperadores.

O *pilentum* era uma carruagem de quatro rodas coberta e de que usavam as pessoas de distincção, eram puchadas por mulas brancas.

Os *caleches* tambem não eram desconhecidos dos Romanos; nos monumentos antigos vê-se a sua representação graphica; eram puchados por um cavallo e não differiam dos nossos senão emquanto á belleza e leveza.

A *liteira* servia tambem para pessoas de distincção; era levada por mulas ou cavallo nos primeiros tempos e chamava-se *basteone*; mas depois foi substituída pela liteira; a liteira era conduzida por escravos.

Carros de transporte—Estes carros foram inventados por Ericton 4.º rei d'Athenas, estes carros eram de quatro rodas e eram puchados por mulas, cavallo ou bois.

Carros triumphaes — Estes carros triumphaes devem a sua invenção aos Egypcios, foi d'esse povo que o seu uso passou para os gregos e d'estes para os Romanos; estes carros eram magnificos; alguns eram de marfim outros de prata e alguns uma grande parte d'ouro, costumavam-nos regar de sangue e eram puchados por elephantes.

Taes eram os meios de viação usados pelos antigos antes que os homens se lembrassem de applicar o vapor d'agua como força electromotriz; este invento maravilhoso ia mudar a face das cousas facilitando o commercio e desenvolvendo a actividade humana levaria a vida a essas povoações pequenas que em breve se tornariam populosas cidades.

No anno de 1630 começou-se a fazer uso em Inglaterra de duas vias parallelas de madeiras assentes sobre o sólo e por sobre as quaes rodavam as carruagens; notou-se que sobre estas vias um cavallo conduzia um pezo duplo do ordinario.

Em 1710 a tracção animal foi

substituída pela tracção a vapor; este systema recebeu grandes aperfeiçoamentos devidos aos engenheiros Slephusson e Birlenshaus e começaram-se a construir caminhos de ferro em Inglaterra.

As vantagens immensas realisadas pelos caminhos de ferro inglezes tentaram os póvos do Continente e em 1825 a França começou tambem a estabelecer caminhos de Ferro.

Na Belgica construiu-se tambem depois da revolução de 1830 o 1.º caminho de ferro de Bruxellas a Malines em 1835.

Em Portugal em 1859 já tinhamos o caminho de ferro do sul, do Porto a Lisboa, depois veio o do sueste e agora temos realisado o do Porto a Braga, a Vianna, á Povoas (via reduzida) o da Tojeira e em breve teremos o do Algarve.

Depois das noções historicas que demos relativamente á invenção dos caminhos de ferro vamos dar algumas relativas ao funcionamento da sua machina a vapor.

Machina a vapor—As machinas a vapor tem por fim converter o calor em trabalho mechnico por intermedio dos vapores.

Toda a machina a vapor se compõe de tres partes essenciaes:

1.º *Caldeira* ou instrumento destinado á producção do vapor.

Este aparelho compõe-se de um tubo largo communicando por dous pequenos tubos com dous cylindros collocados mais abaixo e por sobre a chamma; esta chamma depois de ter atravessado os dous tubos se insinúa entre estes e a caldeira e dirige-se em seguida na direcção da chaminé.

Na parte superior da caldeira existe um tubo de introdução que serve para lançar dentro a agua e renova-a á maneira que ella se esgota; para se evitarem as explosões tão terriveis nas machinas a vapor existe tambem na parte superior da caldeira um *manometro* uma *valvula de segurança* e um *fluctuador* chamado de alarme.

O *manometro*: indica o grau de tensão do vapor.

A *valvula de segurança*: tem por fim dar passagem ao vapor todas as vezes que a sua força elastica passa a tensão maxima que as paredes da caldeira podem supportar.

O fluctuador d'alarme: fazel-o-ha porém quando o machinista se esquece d'isso.

2.º *Cylindro*.

A segunda parte essencial da machina é o cylindro ou o corpo de bomba; é um cylindro ordinario no qual se move um embolo que tem superiormente uma haste destinada a dar-lhe um movimento de vai-vem.

Para que o embolo se mova é necessario que o vapor d'agua chegue alternativamente acima e abaixo do embolo, e que a cada movimento de ascensão ou descida o vapor se escape:

Consegue-se isto fazendo communicar este vapor com um recipiente vazio d'ar e cheio de agua fria onde o vapor se condense.

3.º *Apparelho* destinado á transmissão do movimento.

Este aparelho compõe-se de uma haste horisontal em fórma de alavanca e a qual é posta em movimento pelo movimento do embolo; uma peça metallica fixada na outra extremidade transmite este movimento ao eixo da roda; d'esta fórma transforma-se o movimento rectilineo da haste n'um movimento circular; obtido isto, está obtido o movimento da machina e portanto o de quaesquer carruagens que se colloquem atraz.

Até aqui o vapor destinado a ser transformado em movimento era fornecido pela agua mas o anno passado dous engenheiros de Buenos Ayres tentaram fazer substituir o vapor d'agua pelo vapor d'ether e a sua invenção se se poder applicar, será de uma vantagem incalculavel; com effeito o ether para se vaporisar precisa d'uma temperatura apenas de 35 graus, ao passo que a agua precisa de 100 graus; do relatorio e experiencias preliminares realisadas pelos engenheiros americanos vê-se que nas grandes viagens se notou que se podia economisar 50 por cento ficando assim resolvido o problema de alto preço do ether e do diminuto dispendio com a agua.

Cavallo vapor—É a unidade que serve para medir a força de uma machina; é representada por 75 kilogrametros isto é por a elevação de 75 kilogrammas a um metro de altura; assim quando se diz que uma machina tem a força de dez cavallo quer isto

dizer que a sua força levantará a um metro de altura o peso de 750 kilogrammas.

Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa.
(Continúa)

SECÇÃO CRITICA

O jornalismo liberal

QUANDO se falla dos perigos e da corrupção do periodismo liberal, deve entender-se que se allá principalmente dos jornaes propriamente noticiosos, ainda que alguém de melhor boa fé julgue que isto de noticias pouco mal podem fazer, porque uma noticia, que se lê e logo esquece, não edifica nem pôde prejudicar. E a prova de que é o jornal noticioso o mais perigoso, temo-la no esmero, no cuidado que os noticiaristas empregam n'este genero de publicação. E a não ser que elles se enganem, e todos os dias se occupem com uma coisa que nada vale, temos forçosamente de convir que o noticiarismo liberal é espantosamente prejudicial à sociedade, à moral, aos bons costumes.

Os que possam pôr duvida ao que deixamos dito, fixem sua attenção na «Correspondencia de Hespanha», periodico noticioso, e em «Los Sucessos de la Samana», (1) cujo nome diz bastante: más agencias telegraphicas, que vivem das noticias que adiantam ou fingem adiantar, e em summa, reparem na voracidade, maior que a curiosidade, com que hoje se leem as noticias, principalmente, as más.

Todos reconhecem que o mundo caminha visivelmente para a sua ruina, e não se põe em duvida tambem que a culpa, a maior culpa a tem os periodicos que ensinam, recommendam e defendem o «Liberalismo», o Liberalismo, que é, pôde afirmar-se, a maior heresia forjada pela soberba humana. Dito isto, accete esta verdade, temos de fazer mensão especial do jornalismo noticioso-liberal, como o que mais arruina as sociedades, por ser o que mais se lê, e onde, de envolta com uma ou outra noticia boa, dão o que ha de mais horivelmente anti-catholico e anti-social, não fallando no folhetim, porque ahi, n'esse andar raso da folha noticiosa se offerece ao povo o que pôde haver mais ascoroso, mais heretico, mais impio.

(1) Isto com referencia à Hespanha, porque é do hespanhol que traduzimos o presente artigo; mas com respeito a Portugal veja-se: o «Diario de Noticias», «Diario Ilustrado», Primeiro de Janeiro e outros de iguaes jaz

O folhetim do periodico liberal faz as vezes do noticiarista corruptor.

Não ha muito que os jornaes das grandes cidades concordaram em não dar noticias dos suicidios que se vão perpetrando; mas apesar de ser publico e solemne este accordo que se tomou, não ha suicidio que se não annuncie com todos os promenores, o que faz crer que as noticias, especialmente, as que se não devem dar, são assumptos importantes para os periodicos liberaes de qualquer laia.

E é porisso que o jornalismo liberal pecca: primeiro, pelo que diz; segundo, pela maneira como o diz; terceiro, pelo que occulta e não diz, e quarto, pela collocção ou combinaçção das noticias, e pela mescla que faz das más com as boas noticias.

Ordinariamente o que diz é mau ou frivolo, e quanto á maneira de dizel-o, ainda é peor que a substancia da mesma noticia.

Muitas vezes serve-se da caridade, e com uma palavra transforma essa perola do christianismo em philantropia: uma grande verdade, tomada nas mãos do noticiarista liberal, é collocada na classe das cousas de pequena monta, de nenhuma importancia, e digna da chacota, da hilaridade publica, e isto com um simples adverbio que junta, com uma phrase, com umas reticencias.

Com a combinaçção e collocção das noticias, tanto descobrem um segredo, como levantam uma calumnia, illudindo por tal forma a aççção da justiça, que se torna impotente diante do *habíl* calumniador; e pelo que respeita á mescla das boas com as más noticias, é de ver como ao lado de um elogio ao prégador catholico, apparece um outro elogio, mais bombastico ao orador revolucionario, mostrando assim que ambos são a mesma coisa, e que o senso commum as pôde admitir igualmente.

E' verdade que este torpe procedimento do noticiarista liberal acaba com o senso commum, ou o torna muito raro, enervando as almas, cuja fortaleza vao caindo rendida ao peso de tantos desatinos, e produzindo o scepticismo, porque a leitura do pró e do contra, do bom e do mau confundido e junto, da verdade e da mentira tratadas e apresentadas com iguaes cores, da religiãõ e da impiedade medidas pelo mesmo razão, criam um estado de profundo abatimento moral, que bem faz chorar as almas bem formadas.

Mas o noticiarista liberal é culpado principalmente pelo que cala.

O seu silencio, no que concerne a noticias boas, é absoluto, com especialidade se essas noticias se referem ao catholicismo (salvo o caso citado em as dar de envolta com as más noticias).

O noticiarista liberal não sabe nada,

cousissima nenhuma das Missões catholicas, dos sacerdotes catholicos, dos templos e casas catholicas.

As Encyclicas do Papa não as menciona, a não ser para as destigurar, para as truncar, e falsificar; com as Pastoraes dos Bispos dá-se o mesmo caso: em summa, não conhece pouco ou muito a vida immortal da Egreja, em nenhuma das suas immortaes manifestações.

Reproduzindo cuidadosamente tudo aquilo o que se ergue contra Deus e sua Egreja, e callando tudo quanto possa reverenciar, e acatar a Egreja e seu divino Fundador, logra o noticiarista liberal o fim a que se propõe, fim satânico de matar a fé em muitas almas, valendo-se da iniqua conspiraçção do silencio. E como não pôde ter grandeza, vitalidade, esplendor e formosura, uma religiãõ que não produz cousas extraordinarias, esplendentes e formosas; que não produz heroes e santos, que não enche o mundo com suas façanhas e sua palavra, ficam entendendo os leitores liberaes, ou os leitores de gazetas liberaes, que a religiãõ de Jesus Christo nem respira nem alenta, e que o catholicismo, por isso, está prestes a desaparecer, porque já se não falla d'elle, já d'elle não ha noticias.

O silencio do noticiarista liberal, é, pois, a negaçção da nossa religiãõ santissima.

E o peor dos males, o que torna mais horivelmente perigoso o noticiarismo liberal é ter dinheiro, muito dinheiro, alcançado, em grande parte, á custa dos catholicos.

Com o muito dinheiro pôde proporcionar as más leituras, com que se compra a libertinagem, e espalhar tambem varias noticias de utilidade, necessarias algumas, o que obriga o commerciante, o medico, o advogado, o proprietario, e todo aquelle que vive de negocio ou o procura, a levar para casa, com o util, o mais atroz dos venenos.

Exerce, por tanto, o noticiarista liberal, graças ao dinheiro de que dispõe, uma especie de monopolio das noticias uteis e quasi necessarias, que lhe assegura a venda do veneno anti catholico.

Por ultimo diremos, e não receiamos um desmentido, o jornalismo liberal, atheu, ou revolucionario prospera e floresce á custa do dinheiro catholico, que é quem o sustenta.

São os catholicos com o seu dinheiro que compram apenas essas noticias falsas, essas noticias corruptoras, essas noticias calumniosas, esse noticiario revolucionario, que acabamos de denunciar.

O dinheiro catholico é cúmplice de esta iniquidade, e no ultimo dia, quando Jesus Christo lhe pedir contas, envergonhar-se-ha aquelle que, chamando-

se catholico, sustentou a obra de Satanaz: porque è de Satanaz o espirito que domina o jornalismo liberal.

(Extraido de «La Sem. Catholica»).

Para provar a verdade do que ahi fica, com referencia ao nosso paiz, abrimos hoje uma secção especial, sob o titulo de:

Atravez o jornalismo de 10 reis

A *Folha do Povo*, de Lisboa tem além do defeito de custar 10 reis, o de ser republicana, o

comovem, e está commovido quem as diz; palavras commovidas só os dos enteros civis è que as teem. E è o que lhes vale, aos pobres homens, porque se as palavras não forem commovidas, tambem não commovem ninguém.

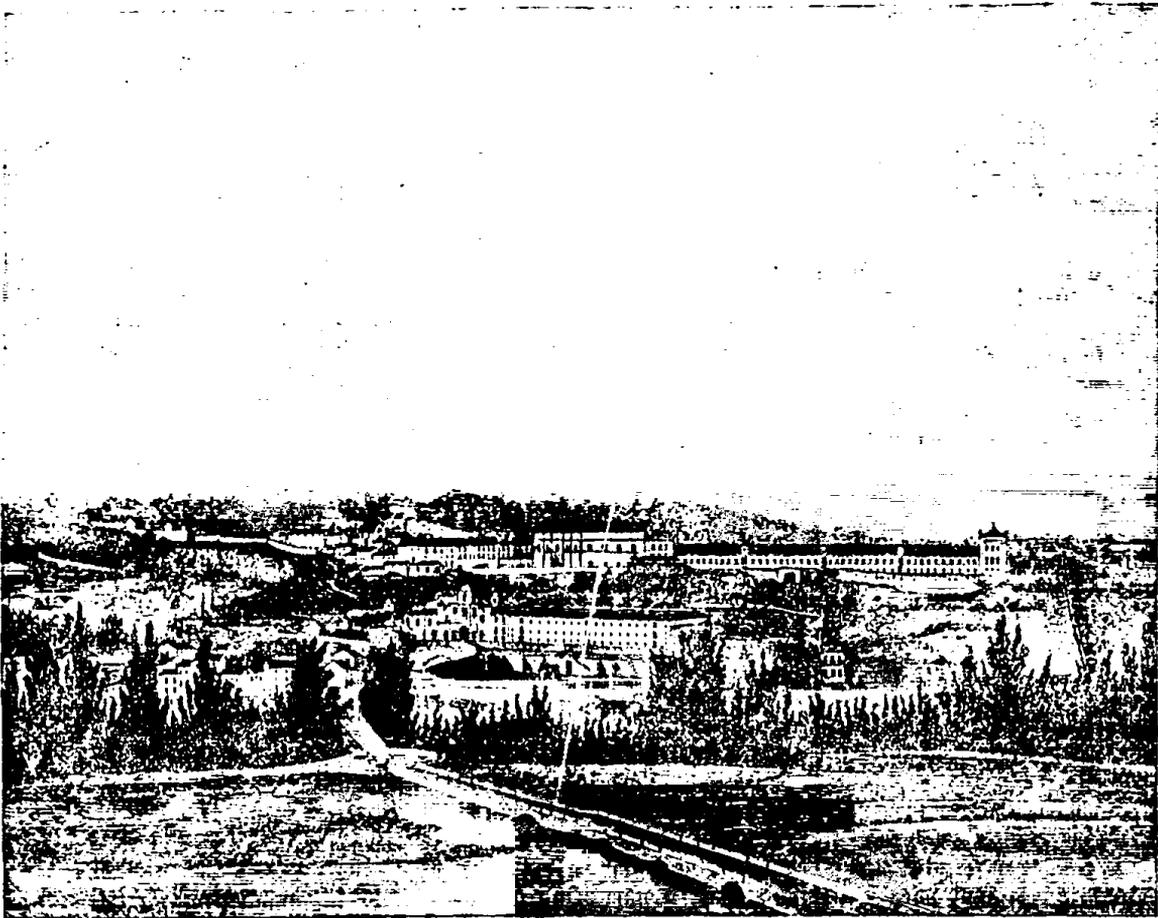
Mas em todo o caso lastimamos a desgraça em que cahiu o Snr. Alexandre Alves. E' penna deixar ir assim uma creança, sem ao menos as esperanças de que vae para o cõo.

O *Jornal da Manhã*, do Porto está collocado n'um estrado assaz desvaladiço, e por isso escorrega muito

com a mesma semceremonia e consciencia, o insulto e a lisonja, o vituperio e a apologia.

Este jornalista apprecia admiravelmente o jornalismo revolucionario, e faz-lhe a devida justiça, porque o jornalismo que anda atrelado ao carro da revolução nem tem consciencia nem dignidade; mas o da manhã para fallar dos collegas escusava de dizer asneiras, como por exemplo chamando à cohorte dos politicos *nova Ordem de Jesus*.

Ainda se o *Jornal da Manhã* disse-se *nova Companhia de Jesus*, e comparasse os politicos de hoje à compa-



CONVENTO DE SANTA CLARA, EM COIMBRA

que na Europa quer dizer, anti-catholica. Como tal um enterro civil è festa de grande espavento, e por isso o annuncia assim:

«Mais de 300 cidadãos formaram hontem o acompanhamento do enterro civil de um filhinho de seis annos (tão pequeno e já com edeias tão avançadas!) do nosso presado correligionario o snr. Alexandre José Alves.....»

A' beira da sepultura disse algumas palavras commovidas o illustre republicano Snr. Dr. Manoel d'Arriaga.»

E' a primeira vez que ouvimos fallar em palavras commovidas! Nos enteros catholicos dizem-se palavras que

amiudadas vez: mas são escorregadelas de rapaz do eschola. No dia 11 de novembro, (n'este dia quem quer cae) dizia elle, julgando talvez que tinha graça, fallando dos politicos:

«A politica não attende a nenhuma considerações, contanto que se derrote o adversario. N'esta nova Ordem de Jesus, como na antiga, todos os meios são excellentes, contanto que se consiga o fim. Com uma perspicacia inquisitorial, o jornalismo fareja o escandalo e muitas vezes o seu maior prazer è assoulhar a vida intima, na praça mais publica, á luz do meio dia. Maneja-se com a mesma facilidade,

nhia que Jesus Christo tivera no Calvario, ainda vá porque os politicos de hoje ainda teem suas *preceças* com os dois supplicados; mas comparar os politicos com a grande companhia de Jesus, com essa soberba phalange de heroes que encheram o mundo de obras grandiosas, tão grandiosas, como grandes são os estragos da politica, isso, portuense jornal, è escorregadilla de palmatoria.

Muito se sente a falta de eschotas para adultos!

Nem os nossos leitores sabiam da existencia de um jornaleco lisbonense

chamado *O Pimpão*, e nós também o não sabíamos; veio-nos, porém, parar às mãos um numero do dito, e para não desdizer a classe de jornais a que pertence, asneia como os demais. Quem vêr que *graciosa* noticia o basbaque dá aos infelizes que lhe dão os 10 reis? Ora leiam:

«Sua Santidade Leão XIII mandou pintar um retrato seu e como o achasse muito envelhecido de physionomia, despediu o pintor e não lhe deu a fazer um retrato do snr. de Bismark, como tencionava.»

Uma noticia d'estas é dos papalvos rirem a bandeiras despregadas, e francamente, o Papado, com uns taleigos d'estes a despejar-lhe *injurias*, não pode ter-se muito tempo de pé! Julgam estes *pequenos* que se pode fallar do Papa como do Fontes!

E que grande crime comettia Sua Santidade, se não acha-se um retrato bom!

Fortes palermas.

Vae entrar o bicho gordo, o Magalhães Lima, hasteando o seu *Seculo*, folha vermelha carregada. Quando este *terror das monarchias* falla, tudo treme... com riso.

Pilhando em algum collega d'este, do *baluarte da liberdade* uma noticia de arromba, atirou com ella aos freguezes para esmagar o fanatismo, o jesuitismo, e encimou-a com o seguinte pomposo titulo—EFFECTOS DA PROPAGANDA JESUITICA.

Quem visse esta taboleta com tão gordas letras, botava-se á noticia e devorava-a, avido de escandalo, de maroteira jesuitica. A final, por baixo da grande taboleta lia-se:

«Ha dias apresentaram-se no governo civil do Porto dose mulheres fanatisadas pelo jesuitismo e recolhidas no prostibulo denominado *Recolhimento das Aguas Ferreas* de aquella cidade, pedindo passaporte para irem professar no estrangeiro

Duas eram menores e por isso não foi satisfeito o seu desejo.»

Nos governos civis, e nas administrações, ás donzellas menores, só se lhe dá passaporte para os prostibulos, onde ellas tem existencia legal; como lhe podiam dar alli passaporte para professarem no estrangeiro, n'uma ordem religiosa?

E o *Seculo*, e os do seculo, como podiam viver se as menores fossem para um convento?

Para os lupanares é que devem pedir passaporte as menores, e não ha recusa, nem compaixão, porque a devassidão agrada ao *Seculo*, assim como lhe agrada o despotismo da auctoridade que tira a liberdade a duas mulheres.

Nem o *Seculo* sabia d'isto!

E' lei forjada nas *cafuas* revolucionarias, e mandada para a pasta dos ministros a que permite os casamentos civis, e é por isso que o periodismo que bebe do fino, isto é que anda á vontade da geringonça, berra desesperadamente quando se trata do tão decantado registro civil, como fazia pouco ha a *Folha do Povo*, de Lisboa, que com a civildade que a caracteriza espectorava a seguinte bilis:

«VENCEU O MASMARRO

Noticiámos ha dias que o prior de Palmella promoveu uma guerra descabellada contra a realisação d'um casamento civil. Correram os editos, o administrador do concelho não quiz effectuar o registro, o padre arranjou empenhos e tanto fez, que os nubentes ainda que contra vontade tiveram de recorrer á igreja.»

Mil parabens ao Rev.^m Prior e os nossos sentimentos aos masmarros que queriam juntar brutalmente duas existencias. Queriam os dos *pontinhos* legalisar mais uma comcubinagem, mas os felizes consortes tiveram a graça de merecer a posse d'um bom pastor que os livrou da bocca do lobo. Bem feito.

Vae entrar de novo o *Seculo*, porque em outro numero, e julgando que levanta com a ponta da sua picareta, os alicerses sobre que se erguem os conventos de freiras, torna-se ecco de uma infamissima leitura que por ahi corre, sem chamar a attenção das corporações de hygiene. Faz reclame a um livro sob o titulo de *Memorias de uma freira*, a que chama EXCELLENTE OBRA ANTI-JESUITICA, e diz:

«O livro é escripto por uma freira, que, desiludida por experiencia propria das pretendidas virtudes da vida claustral, quiz dar á estampa as suas memorias, a narração commovente das torturas e angustias que soffreu e das torpezas e intrigas que constituem o viver monastico. E' por isso uma obra de grande interesse, principalmente agora que assistimos á restauração dos conventos, que se julgavam para sempre extinctos em Portugal, e que a seita jesuitica arrebanhava por toda a parte filhos familias para os seus coios. Mostrar o que é a vida claustral é um bom serviço, e esse serviço presta-o a bella obra de que nos occupamos.»

O homem da carapuça vermelha para fazer serviço aos irm. . esquece a dignidade que deve presidir aos trabalhos de um homem de bem, e falta á verdade cobardemente.

Dizer que assiste á restauração dos conventos, quando todos os dias se estão a fechar as portas dos que ain-

da existiam, só o pode dizer um inimigo dos jesuitas, e calumniar o viver do convento, isso caro irm. . é proprio de quem fuzila cidadãos inermes e rouba a propriedade alheia. Chegatis tarde. Quando principiasteis a calumniar as Virgens do Senhor, já todos conheciam vossos crimes, apontados á luz das cidades que encendiavas, e proclamados pela bocca d'aquelles a quem deixastes sem pão.

Vossos escriptos só servem de *lamber os dez reis* aos papalvos, e nada mais.

Outra vez a *Folha do Povo*, que tornará a trazer alguma das suas. Este numero vae provar a hypocresia do jornalismo revolucionario, que ora choram ora riem pela mesma causa; ora condemnam, ora aplaudem, conforme lhe convem.

Na primeira pagina, fallando do convento da Estrella, dizia muito zangada, a tal do *Povo*:

«Não sejam barbaros! Não estraguem o convento da Estrella, fazendo d'elle um quartel de soldados!»

E na segunda pagina do mesmo numero, fallando do convento das Grillas, dizia:

«Vae ser applicado a deposito do novo material d'artilheria comprado na Allemanha, o convento das Grillas, ao Beato Antonio.

Antes essa applicação, do que entregal-o a qualquer confraria jesuita.»

Entendam lá estes pescadores de moedas de X? O que elles não querem é freiras nem frades, o mais vá para os conventos o que for! Quem vos não conhecer....

Outro leitor de gazetas.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O padre D. Manoel Cactano de Sousa

SEMPRE que nos seja possível havemos metter nosso ferro aos inimigos dos frades, apresentando-lhe alguns dos seus membros, como benemeritos da sciencia, typos de todas as virtudes e heroicidades.

D. Manoel Cactano de Sousa, de que hoje damos o retrato nasceu em Lisboa a 25 de dezembro de 1658, sendo entregue de tenros annos aos cuidados de sua avó D. Leonor de Mello, em casa de quem recebeu a primeira educação, passando depois para o collegio de Santo Antão, onde estudou rhetorica e theologia.

Dadas provas de grande talento entrou no instituto de S. Caetano, vestindo a roupeta dos clérigos regulares, na casa de Nossa Senhora da Divina Providencias, em 1 de fevereiro de 1675, contando apenas desescis annos de idade, mas já com capacidade bastante para lhe ser confiada o ensino de latim.

Comprido o tempo de noviciado proferiu os votos sagrados, chegando logo a ser mestre de philosophia e theologia, distinguindo-se tambem como orador notavel que foi, merecendo, por isso, a estima de el-rei D. João V, que o nomeou examinador das tres ordens militares e do priorado do Crato, e em seguida deputado da junta da Bulla da Cruzada.

Depois do cumprimento dos seus deveres entregara-se ao estudo dos bons livros, e tanto era o seu amor por elles, que chegou a reunir uma livraria de sete mil volumes, á custa dos seus ordenados e dos proventos dos sermões que prégava.

Em 17 de outubro de 1709 foi eleito para ir a Roma assistir ao Capitulo geral da sua ordem, aproveitando esta occasião para visitar as cidades principaes de Italia, e os homens de sciencia que então floresciam. Millão, Mantua, Napoles, Veneza, Florença, Genova e Padua, conheceram o seu espirito levantado, e em todas estas cidades foi recebido dignamente, merecendo as atenções dos sabios. As suas *memorias*, 4 volumes, que deixou manuscritos dão uma prova do quanto foi scientifica a sua permanencia na Italia até ao anno de 1713, em que voltou a Lisboa, continuando com os seus estudos, sendo membro da academia portugueza, concebendo o projecto da academia real de historia portugueza, de que foi um dos primeiros directores, e por ella encarregado de escrever em latim a historia ecclesiastica de Lisboa e as vidas dos seus prelados.

Foi commissario geral da bulla, teve o titulo de conselheiro de el-rei, e foi-lhe offerecida a mitra do Funchal, que recusou com humildade christã.

Escreveu 289 obras, que ficaram eneditos a maior parte, e de que se pôde ver o catalogo que d'ellas fez o conde de Ericcira em um volume de 250 paginas, impresso em 1736.

Em 18 de novembro de 1734 dava a alma ao Creador este padre regular, contando perto de 76 annos, passados cultivando a sciencia, e com uma vida regularissima. Fêz, pois, 151 annos no dia 18 do cor-

rente que este grande luminar da sciencia se apagou, deixando-nos em suas obras uma prova do que valiam os frades, essa classe benemerita, que ainda hoje, meio seculo depois de ser aniquilada em nome da liberdade, mette medo e faz sombra aos *iluminados* do seculo.

II

O convento de Santa Clara em Coimbra

Frente da cidade que é banhada pelas aguas do Mondego, e mirando-se na limpha do mesmo rio, ergue-se imponente e magestoso o convento das freiras de Santa Clara, que deve a sua primeira fundação, realisada em 28 de abril de 1286, a D. Mór Dias, nobre senhora e de grandes haveres.

Passados vinte e cinco annos a rainha Santa Izabel, esse anjo de caridade que pairou por sobre este reino inundando-o de beneficios, dava nova forma ao mosteiro, alargava-o, enriquecia-o, e por morte de el-rei D. Diniz, seu esposo, entrava n'elle a viver a vida de religiosa, occupando uma cella humilde, como a mais humilde filha do patriarcha S. Francisco.

A permanencia alli da Santa Rainha, chamou outras princezas, e é por isso que nós vemos morrer em sua companhia, ainda de tenra idade, a infanta D. Izabel, filha de el-rei D. Affonso IV, e sua neta, e uma outra infanta, D. Izabel tambem, filha de D. Pedro III de Aragão. É como a fama de suas virtudes ecoava por todo o reino, muitas damas da primeira nobreza ali iam recolher-se.

Meio seculo depois da morte da Santa Rainha, uma outra Rainha transpunha o limiar do mosteiro, para n'elle se recolher. Era D. Joana, filha de D. Henrique IV de Castella, e neta de D. Duarte, rei de Portugal.

Vê-se por estes rapidos traços a importância que tivera o convento de Santa Clara, de que nos occupamos, e que era então edificado em sitio mais baixo que o actual, onde se veem ainda as suas ruinas. A mudança fez-se porque o Mondego minava os alicerces da primeira fundação, e foi D. João IV, depois da restauração de 1640, quem met-teu hombros á grande fabrica e fez construir o magestoso edificio que ainda hoje coroa o monte em frente de Coimbra.

O dia 3 de julho de 1649 foi o escolhido para a lançamento da primeira pedra da capella mór, con-

cluindo-se a obra só em tempo de D. Pedro II, porque as despesas necessarias para a sustentação das guerras da independencia, não permittiram que o iniciador a concluísse.

Antes da conclusão das obras fizeram a trasladação da communitade e do corpo da Rainha Santa Izabel, no dia 29 de outubro de 1677.

Das festas e do templo fallaremos em outro artigo, e quem sabe se quando o fizermos, já teremos de narrar mais um acto despotico, praticado pelos governos d'este paiz, que em nome da liberdade, exercem a mais atroz das tyrannias?

(Quem sabe !!)

(Continua)

R.

SECÇÃO LITTERARIA

A uma Senhora

Uma coisa ha no mundo respeitavel, que se abaixa, e em si mesma se sepulta: respeitavel por isso que se occulta, por isso que se abaixa, veneravel.

Envolve-se nas sombras e em segredos: é como a violeta que se esconde; como a fonte, que nasce não sei d'onde e corre vergonhosa entre rochedos.

Não é o ouro, não, que o mundo preza, tampouco a gloria vã, a vã nobreza: o sabio a pode ter, e o homem rude.

Encobre-se c'o manto da humildade, produz os fructos bons da caridade, e tem um nome só — é a Virtude
1885.

E. E. P.

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO XIV

O estado de Gracia

Fera natural, que ambas as cousas simultaneamente a levassem, porque Gracia aguardava todos os dias com impaciencia a hora da prelecção e escutava as explicações do cathecismo com um interesse maior, que o que até então havia concedido e dado a todos os livros. Quando ouviu a Mirka explicar a criação, o peccado original; quando a ouviu fallar da perfeição de Deus, de seu amar ao homem; quando escutou a admiravel narração da Encarnação e Redempção e a ouviu referir com amôr immenso a Paixão de Jesus, as dôres de Sua Santissima Mãe, a fundação da

Egreja, encheu-se d'uma especie de assombro e comprehendeu, que o Cristianismo não era cousa somente propria d'almas simples, mas que dava às intelligencias elevadas maior campo do que o que ellas poderiam abarcar.

Mas o que mais ainda lhe excitava a admiração era como Mirka, que nada sabia pouco tempo antes de questões elevadas, fallava agora da origem do homem e da ideia de Deus com um rigor philosophico e uma discreção incrível, e resolvia com simplicidade as objecções, que suas companheiras lhe apresentavam.

Poucas noites pôde Gracia escutar calada taes cousas. Chamou Mirka ao seu quarto e a sós com ella, sem preambulos nem rodeios lhe disse:

—Aonde aprendes tu as cousas que dizes às noites a Rania?

—N'este livro, responden Mirka sem se alterar, ao mesmo tempo que tirava do bolso o catecismo, que lhe haviam dado.

—Quero vel-o, quero estudal-o.

—Toma-o lá; mas de pouco ou nada te servirá a sua leitura sem as explicações, que devem acompanhal-o.

—Espero que m'as ministrará, disse carinhosamente a primeira.

—É quem sou eu para ensinar a quem é tão sábia como tu és? Não, Gracia, não; eu te auxiliarei alguma cousa, mas muitas vezes não poderei nem saberei responder às tuas objecções. É preciso que falles com quem sabe mais que eu, e para isso, emquanto não sôres á egreja christã e não ouvires aos P'adres, nada adeantarás.

—Pois irei; está dito, irei se encontrares um meio de me lá levar sem que o percebam.

Mirka viu-se forçada a encostar-se á parede para não cahir; tamanha foi a agitação, que lhe causou a resolução de Gracia. Contemplou-a por algum tempo e como se visse em seu rosto os vestigios da graça divina, que a attrahia correu para ella e abraçou-a com affecto.

A princeza estava tambem mui commovida; todavia fez um esforço e dominando sua turbação exclamou:

—Não julgues, que queira fazer-me christã, não; o que quero é conhecer a fundo essa doutrina, que tão singulares effeitos produz; quero que pessoa competente me resolva as duvidas, que a cada momento me assaltam, quero finalmente estar tão inteirada da tua reli-

gião, como o estou do sintoismo, do budismo, ou de qualquer das seitas do Imperio.

Mirka, que ao principio julgou que a conversão de Gracia começava, interrompeu seu juizo ao ouvir-a, mas para que não se affastasse do bom caminho, que emprehedia, prestes lhe respondeu:

—Nada mais facil do que realisar o que desejas: hoje mesmo, sem que ninguem o saiba, poderás vir commigo á Egreja.

—Como? exclamou a princeza. (Continúa)

Versão do P.º Lima.

SECÇÃO NECROLOGICA



DEPOIS de se haver previamente preparado com a recepção dos Sacramentos da Egreja, como era de esperar dos seus sentimentos genuinamente catholicos, desprendeu-se do involucro terreno para a viagem da eternidade a bella alma do nosso excellentissimo e antigo assignante do *Progresso Catholico*, o ill.º e exc.º snr. Francisco de Pina Carvalho d'Aragão e Costa.

Falleceu este cavalheiro no dia 27 do mez proximo findo, pelas 3 horas da tarde, na sua casa do Minhocal, pequena aldeia do concelho de Celorico da Beira.

A a sua morte foi muito sentida não só pela propria familia que extremosamente o amava e respeitava, mas tambem por todos aquelles que, como o humilde signatario d'estas linhas, tiveram a dita de conhecer e apreciar as suas excellentes virtudes.

Que Deus Nosso Senhor tenha recompensado na mansão dos justos as boas obras que praticou cá na terra o nosso saudoso amigo.

E, enviando á inconsolavel familia do illustre finado os nossos sentidissimos pesames, pedimos por sua alma um P. N. e A. M.

Deixou este vale de lagrimas no dia 11 do corrente o Ill.º e rev.º snr. José Leite Pereira da Costa Bernardes, conego thesourciro-mor da Insigne e real collegiidade Nossa Senhora da Oliveira, d'esta cidade.

Fôra frade professo no convento de Villar, e muitas vezes lhe ou-

vimos descrever a vida do claustro com saudades, e com tantas saudades, que às vezes fugia com as lagrimas nos olhos, sem poder concluir a narração que se propozera fazer. Eram as saudades do convento que o Thesourciro-Mor espalhava, quando o encontravam trauteando em voz baixa algum trecho de musica pelas ruas, ou caminhos, nos seus longos passeios.

Alegre, apesar da avançada idade, em intima convivencia com todos, era intransigente com o mal, contra o qual se conspirava publicamente. Observava religiosamente as suas obrigações como conego, e sempre o achava quem o procurasse para qualquer serviço inherente ao seu ministerio.

Era nosso amigo, passamos com elle horas de saudosas conversas, e por isso sentimos de veras a sua morte.

Foi assignante-fundador do *Progresso Catholico*, e só deixou de o ser, quando trocou esta por melhor vida.

Era, pois, assignante do *Progresso Catholico*, amigo d'elle, e nosso amigo tambem, e por isso não lhe devem faltar as orações que para todos pedimos, esperando que nenhum dos nossos leitores deixe de offertar uma prece como suffragio pela alma do nosso velho amigo.

Está de luto um dos amigos mais dedicados do *Progresso Catholico*, o exc.º snr. Adriano Pedrosa Barreto, pelo fallecimento de sua cunhada, a exc.ª snr.ª D. Felismina Pinto Leite de Campos, que residia em Braga.

Com pouco mais de trinta primaveras curvou a corola diante da vontade do Eterno esta mimosa florinha, que era o enlevo dos seus, a quem deixou mergulhados em acre pranto, lenitivado unicamente pelo balsamo que brota da cruz, aos pés de que se ajoelha todo o catholico em transes taes. Victima d'uma phthisica, diante da qual foi impotente a sciencia, voou ao ceu esta bondosa senhora, que pertencia á sympathica associação das Filhas de Maria, pelo que se tornou credora das orações de todos nós, os que nos achamos sob a bandeira que tem em si gravadas as palavras —*Progresso Catholico*.

Ao nosso bom amigo e a toda a familia da illustre finada os nossos sentidos pesames.

Está tambem de luto uma assignante da nossa Revista, a exc.ª snr.ª D. Maria Emilia Teixeira Cos-

ta, pelo fallecimento de seu avô, pela alma de quem pedimos tambem as costumadas orações; manifestando a s. exc.ª a espressão do nosso pesar.

Na freguezia de S. Martinho de Gandara, finou-se tambem no dia 11 de novembro a mãe do nosso assignante rev.º snr. padre Antonio José Gomes, D. Maria Joaquina Pereira, por alma de quem pedimos, como suffragios as preces de todos os nossos leitores, enviando ao enlutado sacerdote os nossos mais sentidos pesames.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS a visita dos respeitabilissimos sacerdotes e illustrados missionarios, os Revd.ºs Snrs. Padre José Joaquim da Silva Baccellar, Padre Antonio Joaquim da Silva, e Padre Antonio José Ferreira, de volta de uma missão na freguezia do Mosteiro do Souto, d'onde é digno Prior o nosso bom amigo Revd.º Snr. Luiz Dias da Silva, incansavel em promover o culto e em afervorar a devoção do rebanho que lhe está confiado, para com o Santissimo Coração de Jesus.

Tambem tivemos a visita do Rev.º Padre José Maria Martins, que fôra capellão de S. Torquato, e que muito desejaramos ver com residencia n'esta cidade.

Igualmente nos fez a honra da sua visita o exc.º snr. Francisco Ignacio Bezerra do Rego Abreu e Lima, do Ponte do Lima, fervoroso subscriptor para o Monumente a Pio IX o grande, a quem agradecemos a ultima offerta.

Prometteramos fallar da vergonhosa jornada que os borrachos que, por occasião da visita dos exploradores ao Porto, fizeram a Braga. Não o faremos porque nos custa sujar as paginas da nossa revista narrando factos que são o vilipendio de um paiz culto. Os companheiros dos exploradores, ou se não companheiros, que vieram ás festas, julgaram Braga uma adega e, embebedaram-se, e depois, ao contrario do que faz quem se acha ombriguado, que vae dormir, saltaram para a rua a ensultar as creanças d'aquelles nossos irmãos, tão catholicos, tão amantes das tradições gloriosas que andam ligadas á sua cidade. Deixal-os, e não façam caso do que bebados fazem.

Deus confunde os seus inimigos quando e como lhe apraz, e bem confundidos os deixou, fazendo que a Braga viessem em piedosa peregrinação as familias mais respeitaveis da capital do reino, offerecendo seus cultos á Virgem do Sameiro. Louvemos ao Senhor por isso.

No dia 14 do corrente, por entre uma cidade em festa entrava a peregrinação de Lisboa na Braga catholica, atravez de ruas iluminadas, e abrindo caminho por entre milhares de pessoas que se agrupavam para ver a nobreza do reino, apoz uma jornada de sessenta leguas, procurar o caminho que conduz ao Sameiro.

O que ha em Braga de mais digno lá estava na gare aguardando a magestosa peregrinação, como estava no dia 15 no templo do Bom Jesus, assistindo á missa celebrada pelo virtuoso Arcebispo de Mitylene, o Exc.º e Rev.º Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, e acompanhando á montanha santa os peregrinos lisbonenses.

Nos fastos gloriosos de Braga ficará gravado em letras d'ouro o facto do dia 15 de outubro, em que um povo crente, patriotico e zeloso dos seus titulos, cam nhava para o Sameiro, a render humilde culto á que nos escudára com o seu manto de mãe, contra o terrivel flagello, que tanto enluctou outros povos.

A's nobres iniciadoras, ao illustrado e virtuoso Prelado, que presidiu á peregrinação, os nossos emboras, e que esta seja o inicio da mais importante peregrinação, são os nossos desejos.

Não nos é possivel descrever miudamente a peregrinação, porque nos falta o tempo e nem tivemos o gosto de assistir a ella; mas dizendo que os peregrinos foram victoriados por toda a parte desde Lisboa até Braga; que Braga se vestiu de festa; que de Roma cahiu sobre todos os peregrinos a Benção do Chefe da Igreja, temos dito o bastante para que todos os nossos leitores levantem comnosco um brado de — *Salvé Virgem do Sameiro!*

As garras insaciaveis dos governantes impulgaram mais uma casa religiosa, o convento da Estrella, em Lisboa. Fallaremos do sacrilego attentado n'um proximo numero, se outro collega nosso na rodacção o não fizer.

Não é por que nos causa admiracção o facto que vamos narrar, porque, depois de lermos os livros *Nossa Senhora de Lourdes, Os Episodios de Lourdes*, e a infinidade de curas que

se teem operado por intercessão da Santissima Virgem que, sob a invocação de Lourdes, so venera nas aspe rezas dos Peryneus, não ha nada que nos possa causar espanto; mas como nem todos os leitores do «Progresso Catholico» terão lido a tal respeito tanto como nós, por isso transcrevemos do periodico «L'Union do Languedoc» o seguinte:

Em Toulouse toda a gente conhecia a senhora de Henrique Suarez de Almeida e Puigvert, por causa da molestia que soffria no estomago, e tal era a molestia que lhe não consentia usar de outros alimentos que não fossem liquidos, e estes em tão deminuta quantidade que chegou a um estado de magreza pasmoso, não pesando, apesar de ser de alta estatura, mais de 30 kilos.

Os medicos de Toulouse, Montpellier e o afamado medico de Paris dr. Charcot, envidaram todos os esforços para debellar a molestia; tudo inutil.

Lembrou-se a doente de Lourdes, e foi pedir á Santissima Mãe de Jesus o que a sciencia não podia dar-lhe, chegando no dia 13 de agosto. No dia seguinte fez-se banhar na piscina milagrosa, e dez minutos depois saiu, vestiu-se sem ajuda de ninguem, derigiu-se á igreja a dar graças á Santissima Virgem, e depois comeu com appetite de tudo que havia na meza, sem que sentisse o menor encommodo.

Poucos minutos depois derigia ao esposo o seguinte telegramma:

«Já ando, já como, e já estou curada!»

Quando voltou á sua terra natal foi a admiracção de todos, e todos louvam ao Senhor, assim como nós louvamos.

Que dirão a isto os materialistas, e os jornalistas que teem vergonha de narrar milagres de tal ordem!

A um officio ou requerimento da camara municipal de Lisboa dirigida ao Em.º Cardeal Patriarcha, pedindo paramentos e alfaias para as capellas do cemiterios, respondeu S. Em.º que não tinha que dar, mas que o governo, que estava senhor dos paramentos e alfaias deusimos dos conventos da Madre de Deus e Chellas, poderia ceder alguns d'elles para o fim desejado.

Bua lição deu S. Em.º á municipalidade, e boa lição deu esta ao governo, requerendo-lhe para lho serem entregues alguns dos objectos do culto *escamoteados* ás freiras.

E já que fallamos em lição, tornamos conhecida tambem a seguinte, uma das muitas que o governo de Hespanha, a pezar de liberal, acaba

de dar ao governo portuguez. Leia-se e pasme-se, não do acto do governo hespanhol, mas da teimosia dos governos de Portugal em recuar dezoito seculos, em obrigar esta nação catholica a voltar aos tempos em que a mulher tinha por unico arrimo os prostibulos. Leia-se:

N'um dos domingos do passado outubro professou solemnemente no convento das religiosas de Nossa Senhora em Barcelona uma noviça do mesmo convento, D. Margarida Posa, sobrinha do digno e respeitavel mestre da cathedral D. Andres Posa. E' esta uma festividade, diz um nosso collega de Barcelona, que commove a todos que a ella assistiam, festividade a que a *liberdade* do governo *liberal* nos não deixou ainda assistir, por isso não temos o mesmo prazer do nosso collega.

Na occasião fez uma pratica á nova professa o mesmo Rev.º Sr. Posa, de que colhemos o seguinte rasgo de elle quencia.

«Roga, sobrinha querida; pelo Papa, a fim de que possa livrar-se das garras d'esse monstro chamado liberalismo, d'essa heresia geral que, sob o nome de catholico não pretende outra cousa que acabar com elle.»

Quando um padre diz isto do liberalismo em Hespanha, que devem dizer d'elle os padres em Portugai?

Entre as muitas associações que por toda a parte se criam; em meio das mais extravagantes agremiações ou grupos em que a mania do seculo tem pretendido devidir os povos, não achamos nada mais extravagante, associação mais digna de riso que uma ha pouco organizada em S. João de El-Rei, no Brazil. E' a excentricidade levada ao ultimo ponto, se não é a maldade mais infame.

Conta ja esta associação 68 socios, e tem por fim defender-se os socios uns aos outros quando ultrajados.

Cada um dos associados deve ter um cacete de 3 palmos, uma navalha e um revolver. A sua bandeira é vermelha e tem no centro uma caveira e por baixo d'ella a palavra—*vingança*.

Imagine-se que a moda pegava por cá. . . .

Partiram ha dias de Lisboa para Loanda, Africa, quatro Irmãs Hospitaleiras, com o fim de prestar serviços nos hospitaes e nas eschololas indigenas-

Lá foram quatro heroínas, fazer mais do que qualquer explorador, e, quando voltarem, se voltarem, terão

em recompensa os apupos de algum garoto, mas não terão de certo as ovações que se teem feito a quem vae viajar á custa do Estado. Verdade seja que as Hospitaleiras não andam por todos os paizes a exhibir os seus trabalhos, assim á guiza do *rei dos tambores*, que ha pouco percorreu as terras de Portugal.

Louvemos as Irmãs Hospitaleiras!

No dia 27 de outubro passado foi collado canonicamente na freguezia de S. Martinho do Campo, do concelho de Vallongo o nosso amigo e patricio o Rev.º Sr. P.º Francisco Xavier de Sousa Carneiro. Louvando a boa escolha feita pelo Em.º Sr. Cardeal Bispo do Porto, e dando os parabens aos povos de S. Martinho do Campo, sentimos, como todos os vimaranenses a falta de tão illustrado e virtuoso sacerdote.

Temos nossas desconfianças de que a França vae tomar o bom caminho, e crear juiso. A camara de deputados ultimamente eleita compoe-se de 35 medicos, 135 advogados, 23 agricultores, 18 engenheiros, 28 magistrados, 6 pharmaceuticos, 30 empregados publicos, 40 jornalistas, 8 banqueiros, 20 professores, 20 militares, 8 padres, 1 geometra, 9 operarios, 2 veterinarios, 2 archivistas, 70 industriaes e commerciantes, 1 typographo e 1 agente de negocios.

A França está inferma ha muito e carece de tratamento serio, e tem agora boa occasião porque tem na camara 35 medicos e 6 pharmaceuticos. E como nem todos os francezes são racionais, lá teem tambem os que o não são, 2 veterinarios.

Ao tratamento serio, senhores!

Para provar as tendencias da actual sociedade para a igualdade e fraternidade chega de sobejo a seguinte pasmosa estatística:

«Desde o principio do anno até hoje teem-se concedido 362 graças, a saber: titulos 15, cartas do concelho 5, gran cruces 19, commendas 108, officialatos 5, habitos 209, banda de Santa Izabel 1.»

Espantoso! Apregoam a fraternidade e egualdade e morrem todos por qualquer cousa que os torne distinctos! E' que a egualdade que hoje se deseja é a que tenha por nivel os grandes, d'aqui o desejo que todos teem de ser titulares e fidalgos.

E é por isso que os comediantes

chegam a *merecer* titulos, como se vê da noticia que em seguida transcrevemos de um jornal:

«Accentua-se a noticia que ha tempos correu de que seria agraciado com o titulo de visconde de Gradil o insigne actor Brasão, do theatro de D. Maria.»

Era necessario. O visconde de Caldeira Botelho, que faz comedias, carecia de um collega que lh'as leva-se á scena. Bravo!

Falta-nos o melhor para estas cousas de festas grandes, que se não faltasse, podiam ter a certeza os dominadores de Portugal, ha cincoenta annos, que lhe haviamos levantar monumentos em todas as praças, em todas as ruas, nos caminhos, nos montes.

Estes homens, estes patriotas de uma cana, não tiveram o arrojo de nos livrar dos homens mais inuteos, dos mandriões maiores que tem apparecido sobre esta terra?! não nos livraram dos frades, d'essa *cafila* de *parasitas* que devoraram o sangue da patria, que lhe roubavam toda a vida?

Dos frades! E não foi só dos frades em geral, mas com especialidade dos franciscanos, d'essa ordem, que, no dizer de uma folha liberal, nos seis seculos o meio que tem de existencia deu á igreja 247 santos e beatos, 1:500 martyres, 13 papas e cardeaes, 4:000 arcebispos e bispos, 6:000 escriptores publicos, entre elles alguns eminentes.

Demais tem actualmente aquella ordem religiosa, em paizes selvagens, 2:500 missionarios que, com 1:000 da de franciscanos capuchinhos, somam 3:500.

Já é preciso ser muito *estupidos*, muito *mandraços*, muito *inimigos* da sciencia, para produzir tanta cousa *inutil*!!

Não haverá uma eschola para onde se mandem estudar estas verdades, os ministros de Portugal, os deputados, Pares do Reino e o proprio Rei?

Se fosse possivel instruil-os, que beneficios para este pobre povo!!

E fechamos com esta, com que fica mal fechado este nosso Retrospecto.

J. de Freitas.



Aos nossos collegas na imprensa, que nos flicitarão pela entrada da nossa Revista no 8.º anno, e com especialidade á *Palavra*.

A redacção agradecida